

O SOS dos cineastas de Brasília

FOTO: IZABEL CRISTINA

□ Sem apoio dos empresários, da Lei Sarney e do GDF, os cineastas da cidade acumulam 18 produções emperradas nas moviolas. As promessas são a primeira luz no fim do túnel

Maria do Rosário Caetano

AABD-DF (Associação Brasileira de Documentaristas) está prestes a promover um levante, caso não encontre parceiros dispostos a ajudar seus associados na conclusão de 18 filmes, sendo 14 curta-metragens e quatro longas. Por isto, na última terça-feira, a entidade promoveu um encontro com o presidente da Federação do Comércio, Newton Rossi, a secretária de Cultura, Laís Aderne, e representantes do Ceprocine (Centro de Produção Cinematográfica) e o CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa da UnB).

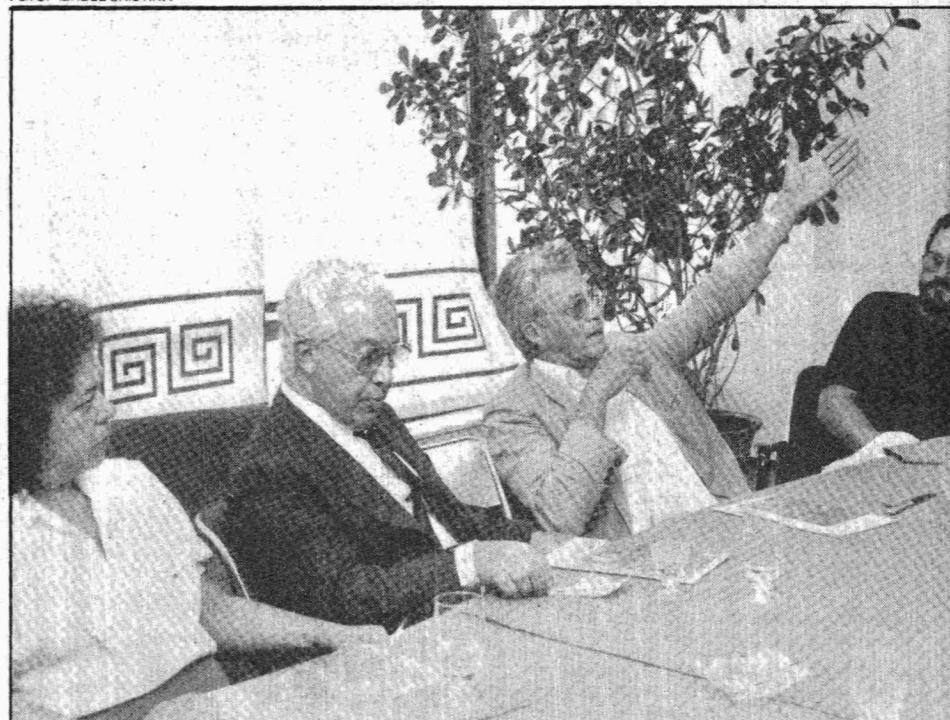
José Accioli, novo presidente da ABD-DF, lembrou que "o cinema, em Brasília, já viveu momentos bem melhores, quando a produção chegava a 10 curtas/ano". Só que, nos últimos três anos, o estado e o empresariado abandonaram a produção local à sua própria sorte, lamentou.

Sem apoio do Governo do Distrito Federal e de empresários que não se sensibilizaram em investir, respaldados na Lei Sarney, em filmes brasilienses, dezoito produções, ficaram emperradas nas moviolas.

"A situação vai mudar", garante Laís Aderne, que convocou uma comissão formada com Geraldo Moraes, autor do longa *A Difícil Viagem* e professor da UnB; Márcio Curi, vice-presidente da ABD-DF e montador de *Meteorango Kid, o Herói Intergalático*; Antenor Gentil Júnior, coordenador, em Brasília, do Circuito Sesc de Cinema e representante do Conselho Nacional de Cineclubes. Este trio está estudando propostas e soluções para o impasse, ou seja, buscando fórmulas capazes de tirar 18 filmes dos baús de cineastas desencantados.

Cine Cultura — Márcio Curi, que tem um longa-metragem encalacrado *A Tv Que Virou Estrela de Cinema*, diz que dentro de uma semana, a comissão entregará a Laís Aderne um documento com reivindicações essenciais à criação de uma Casa de Cinema (a funcionar no antigo Cine Cultura, na 507 Sul); o resgate de dívida deixada por três anos de incônia, que fez com que 18 filmes ficassem inconclusos; a manutenção dos equipamentos espalhados pela cidade (os do Ceprocine, que estão no anexo do Teatro Nacional e os do GDF); e a criação e reequipamento de salas de exibição do circuito alternativo, embriões dos cineclubs brasilienses.

Laís Aderne, na conversa com o empresário e os cineastas, garantiu que "recuperar o Cine Cultura é questão de honra para sua administração". E mais: "Além do Cine Cultura, vamos investir no equipamento cultural das cidades-satélites, construindo em todas elas, Casas de Cultura".



LAÍS, ROSSI, ACIOLLI, ANTENOR JÚNIOR

Juntos, eles podem desenterrar os tempos dos 10 curtas por ano

A secretária lembrou que, "ao mudar o sistema de produção cultural — o País abandonou o modelo francês, onde o Estado é o mecenás, e optou pelo modelo norte-americano, onde a produção cultural cabe ao empresariado — vivemos uma certa perplexidade. Agora, as coisas estão chegando nos eixos".

E "neste chegar nos eixos" a secretaria inclui o apoio ao cinema brasileiro. Por isto, pediu ao presidente da Federação do Comércio que ajude a Secretaria de Cultura a ajudar a ABD-DF e seus 18 projetos inacabados. O empresário prometeu "ajudar no que for possível". Historicamente, porém, o que se sabe é que o Sesc (Serviço Social do Comércio) organismo ligado à Federação, sempre apoiou e continua apoiando a difusão de filmes, ou seja, apresentan-

do o Circuito Sesc, competente mostra de curtas e longas nacionais que percorre todos os cineclubs da cidade. Em São Paulo, a poderosa Fiesp mantém o Cine-Sesc, um "point" dos cinéfilos. A assessoria de Newton Rossi estuda, há algum tempo, a possibilidade de se implantar no Distrito Federal, o Cine Sesc Brasília. A equipe está, inclusive, estudando a viabilidade de transformação do Cine Regente da Ceilândia em opção para o lazer dos comerciais.

Nas conversas mantidas durante o encontro, rolou, mais uma vez, a idéia de se criar em Brasília um Pólo de Cinema. Para os cineastas, a integração dos equipamentos cinematográficos do GDF, do CPCE e Ceprocine dará à cidade parque técnico de boa qualidade. Bastará que, num primeiro momento, se adquira equi-

■ FILMES ENCALACRADOS

LONGAS

Conterrâneos Velhos de Guerra, de Vladimir Carvalho
Círculo de Fogo, de Geraldo Moraes
A TV Que Virou Estrela de Cinema, de Márcio Curi e Yanko del Pino
Brasília no Cinema, vários diretores, produção de José Pereira

CURTAS

Heins Forthman, de Marcos Mendes
Aurora da Minha Vida, da Gioconda Caputo
Veiga Vale e Babaçu, de Lyonel Lucini
Lendas Brasilienses e *Dívida Paga com Sangue*, de Armando Lacerda
No Galope da Viola, de Vladimir Carvalho
Calção de Couro, de Cecílio Pereira
Sinfonia de Brasília, de Pedro Anisio
Olhos D'água, de Lyloe Boubile
Bumba-Meu-Boi e *Contos de Pescaria*, de Jorge Martins
Infância, de Nevinho Alarcão e um documentário de Waldir Pina de Barros ainda sem título

pamento para transcrição de som e projeção em banda dupla.

Márcio Curi esclarece: "Não queremos que todos os equipamentos sejam colocados num mesmo espaço. Isto não é necessário. O que precisamos é de uma política cinematográfica que nos dê recursos e condições de uso de todos os equipamentos disponíveis na cidade".

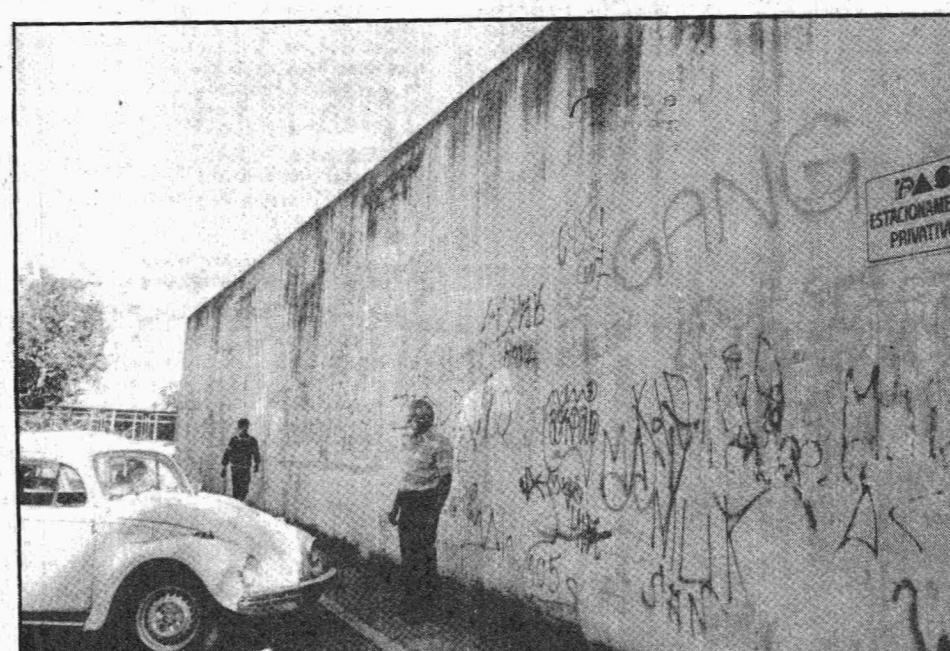
Se as promessas da Secretaria de Cultura e o apoio do empresariado não se concretizarem, Brasília assistirá a um estranho evento: o Festival de Copiões de Filmes Brasilienses. Ou seja, a terceira edição deste evento, realizado no início desta década, não mostrará obras montadas, mixadas, musicadas, etc, mas sim, pedaços de 18 filmes que não conseguem ficar prontos para lançamento nos mercados alternativo e comercial.

Cine-Estacionamento

O famoso Cine Cultura, sala pioneira, que fez a alegria dos brasilienses de primeira hora e era um templo sagrado para o Cuca (o Movimento Candango de Dinamização Cultural fez tudo para que fosse devolvido à cidade, no inicio dos anos 80) não passa hoje de um cine-estacionamento.

A construção, erguida no bloco C, na 507 Sul, abriga, em sua parte frontal, o PAS (Programa de Ação Social), atividade comandada pela primeira-dama do DF. Mas nos fundos, onde funcionava o enorme Cine-Teatro Cultura (que exibia espetáculos do Teatro do Estudante de Paschoall Carlos Magno, além de clássicos do Neo-Realismo e do Cinema Novo) foi reduzida a uma misera função: tornou-se estacionamento de carros

Como se vê, a idéia de transformar o velho Cultura numa Casa de Cinema dependerá de muito esforço da secretária Laís Aderne e dos abedistas. Caso contrário, quando o GDF resolver dar ao PAS sede mais nobre, o prédio acabará vendido e transformado num banco. Afinal, a W-3 anda com evidente vocação de Wall Street cabocla.



MÍSERA FUNÇÃO

Nos fundos do ex-Cine Teatro Cultura um estacionamento de carros